

O PROCESSO DO DESENVOLVIMENTO DOS ALUNOS COM SURDEZ/CEGUEIRA

COSTA, Denise Ferreira da¹
MACIEL, Solange Mantanher da Costa²
MIGUEL, Eliana Alves³
OLIVEIRA, Maria Ferreira da Silva⁴
TUCHINSKI, Carla Maria Fernandes⁵
WATHIER, Juliana Costa⁶

RESUMO: O presente artigo traz um breve esclarecimento do que é a surdocegueira, sua definição e sua semelhança com a deficiência múltipla sensorial, bem como as dificuldades apresentadas pelas pessoas com surdocegueira na descoberta do mundo à sua volta, seu resgate para ele e para o estabelecimento de uma comunicação em prol de sua autonomia. Foi construído por meio de uma revisão bibliográfica dentro das poucas investigações existentes, ainda iniciais da área em questão. Praticamente embasado em alguns teóricos especialistas e doutores no assunto que têm em comum seguir as teorias sugeridas por Jan Van Dijk, o qual elaborou o estudo acerca de fases que nos orientam no desenvolvimento das pessoas com surdocegueira, estabelecendo atividades, vivências, para serem executadas na vida do surdocego, sendo sequenciadas em seis fases, cujo propósito é resultar no desenvolvimento afetivo e social dessas pessoas.

Palavras- Chave: Surdocegueira; Desenvolvimento; Afeto; Cognitivo.

1-INTRODUÇÃO

¹ Professora na Creche Municipal Thayná Gabrielly de Oliveira Morais. E-mail: denise_ferreira014@hotmail.com

² Coordenadora Infantil na Professora na Creche Municipal Thayná Gabrielly de Oliveira Morais. E-mail: solangecasacriador@hotmail.com

³ Técnica de Desenvolvimento Infantil na Creche Municipal Thayná Gabrielly de Oliveira Morais. E-mail: eliana.amiguel@gmail.com

⁴ Professora na Creche Municipal Thayná Gabrielly de Oliveira Morais. E-mail: m_ferreira_o@hotmail.com

⁵ Técnica de Desenvolvimento Infantil na Escola Municipal Cantinho Mágico E-mail: carla_m_f_k@hotmail.com

⁶ Técnica de Desenvolvimento Infantil na Creche Municipal Thayná Gabrielly de Oliveira Morais. E-mail: julyana_wathier@hotmail.com

Esse trabalho foi elaborado com o intuito de buscar e disseminar melhores conhecimentos sobre o que é a surdocegueira e seus comprometimentos. Contém informações que fornecerão um breve esclarecimento sobre o tema. Este dirigido as pessoas que estão iniciando e se interessam por essa clientela e que procuram ajudá-los. Os esclarecimentos foram obtidos através das poucas bibliografias encontradas sobre o tema, mas que dão esclarecimentos precisos para que se possa realizar esse trabalho, no qual esclarece que uma pessoa com surdocegueira tem reais possibilidades de se desenvolver, conquistando sua autonomia e ser inserido no contexto social.

Na abordagem de intervenção com foco na atenção primária, seja na escola, na família ou na comunidade, deve ser fundamental que todos assumam a função de educadores com responsabilidade social e pessoal dentro do processo de inclusão. Portanto, todos devem facilitar a adoção de medidas que favoreçam o desenvolvimento dos alunos surdocego, dentro dos parâmetros curriculares legalmente constituídos e levá-los a ter acesso amplo aos programas educacionais e à aquisição das diferentes habilidades, em como incentivá-los em sua qualidade de vida. (MAIA, 2007).

Para tal faz se necessário a intervenção tanto do professor como da família, através de um proposta inovadora na qual o foco principal é o desenvolvimento da pessoa com surdocegueira, a qual necessitara da troca de informações entre as partes envolvidas levando em consideração sua individualidade. Também é importante ressaltar a singularidade dessa deficiência e as fases do desenvolvimento à ela atribuída, como para sustento e viabilização desse processo afetivo e cognitivo rumo a sua autonomia, sendo esse o objetivo desse artigo.

2- AS PRÁTICAS DE INCLUSÃO DO ALUNO COM SURDOCEGUEIRA E DEFICIÊNCIA MÚLTIPLA SENSORIAL

Ao desenvolver qualquer trabalho junto ao Surdocego, é de fundamental importância a colaboração das famílias com os profissionais de outras áreas para o processo educativo, no sentido de termos abordagens de cunho transdisciplinar em que as pessoas que dela fazem parte partilhem os mesmos objetivos. Conseqüentemente, a família e o educador não se sentem tão isolados sendo estes

então os principais impulsionadores da Educação do Surdocego, centrando-se em seu interesse.

É necessário que as pessoas com surdocegueira sejam estimuladas visando seu desenvolvimento individual para que assim possa compensar suas dificuldades, estabelecendo relações interpessoais. Portanto, os profissionais que observam e/ ou atuam com a criança devem usar uma abordagem transdisciplinar partilhando e respeitando os conhecimentos sobre suas respectivas áreas ou especialidades entre si.

Na publicação Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (2001), destacam o art. 12, inciso 2º que diz:

Deve-se assegurar, no processo educativo de alunos que apresentam dificuldades de comunicação e sinalização diferenciadas dos demais educando, a acessibilidade aos conteúdos curriculares e a língua de sinais, sem prejuízo de aprendizado da língua portuguesa, facultando-lhes e as suas famílias a opção pela abordagem pedagógica que julgarem adequadas e ouvidas os profissionais especializados em cada caso.

Visto que a maior parte das crianças surdocegas e múltiplos sensoriais requerem assistência (total ou parcial) em algumas ou mesmo em todas as partes da atividade, é fundamental garantir a participação direta dos familiares e dos profissionais de diversas áreas, na elaboração das atividades naturais a serem propostas e desenvolvidas em situações variadas, em conjunto e de forma contextualizada.

A Surdocegueira é uma deficiência sensorial que atinge de forma total ou parcial dois dos principais órgãos dos sentidos: a visão e a audição. Também pode vir associada com outras deficiências como: física, cardíaca, etc. É muito semelhante à deficiência múltipla sensorial, sendo que a diferença de forma singular é somente a parte neurológica do deficiente, pois os múltiplos deficientes sensoriais podem apresentar as mesmas deficiências associadas, mas entre elas há o comprometimento em seu cognitivo, o qual na pessoa surdocega é intacto. (DAMÁZIO, 2007).

Todavia a forma de comunicação e estimulação de ambas é a mesma.

A criança com Surdocegueira, não é uma criança surda que não pode ver e nem um cego que não pode ouvir. Não se trata de simples somatória de surdez e cegueira, nem é só um problema de comunicação e percepção, ainda que englobe todos esses fatores e alguns mais. McInnes & Treffy,(apud BRASIL,1991, p.11) Quando a visão e audição estão gravemente comprometidas, os problemas relacionados à aprendizagem e dos comportamentos socialmente aceitos e a adaptação ao meio se

multiplica. A falta dessas percepções limita a criança surdocega na antecipação do que vai ocorrer a sua volta. TELFORD & SAWREY, (apud BRASIL, 2003, p. 11).

O termo surdocego é usado para nomear os deficientes que apresentam surdez e cegueira. Segundo McInnes & Treffy (1991), a surdocegueira não é meramente a somatória dessas duas deficiências, mas uma deficiência singular, da qual esses sujeitos que possuem surdez e cegueira poderão apresentar outras deficiências associadas. Há muitos casos de pessoas com surdocegueira que possuem resíduo visual e surdez profunda seguida de outras deficiências, e outras com resíduo auditivo e cegueira total, seguida de outras deficiências e até mesmo graus distintos de surdez e cegueira com demais sequelas. (GRUPO BRASIL, 2005).

Livros, manuais e todos os materiais que vem esclarecendo sobre a surdocegueira, sobretudo aqueles produzidos pelo MEC - Saberes e práticas da inclusão - nos dizem que ela é uma deficiência singular. Como tal possui condições específicas de atendimento na área da comunicação, com estimulações visuais e auditivas. E de acordo com Amaral (1997, p.08).

Comunicação é mais do que ser capaz de usar a fala ou mesmo de desenvolver linguagem. A fala é apenas uma capacidade motora de expressão oral de elementos que nos servem como instrumento de transmissão da linguagem. Pode ser substituída por outros instrumentos como o gesto, a escrita ou sistemas gráficos. Para que seja funcional implica sempre o desenvolvimento subjacente da linguagem. A linguagem é um sistema simbólico. É a capacidade de usar um conjunto de regras que definem a estrutura do código utilizado. Este código varia em função da comunidade em que a pessoa está inserida.

A classificação, nomeação e tipificação foi uma forma encontrada para viabilizar melhores condições de atendimento, pois quando o surdocego adquire comunicação, adquire autonomia no contexto social.

A singularidade da surdocegueira decorre do prejuízo no processo de desenvolvimento por falta de comunicação e de interação social no ambiente. Assim, enquanto o surdo utiliza o campo visual-espacial como principal via de acesso as informações e ao estabelecimento das interações com o ambiente físico e humano e o cego utiliza o campo auditivo-temporal, o surdocego necessitará aprender a utilizar os sentidos remanescentes e/ou os resíduos auditivos e visuais, descobrindo sua via de acesso ao saber historicamente elaborado pela humanidade, bem como descobrindo como manter trocas significativas e necessárias à sua sobrevivência. CADER & COSTA, (apud CADER-NASCIMENTO, 2007, p.33)

Portanto, nota-se que as características de interações de uma pessoa com surdocegueira em seu ambiente são marcadas pelas carências de estímulos, o que pode desencadear um desenvolvimento atípico, compatível com os limites impostos pela combinação das deficiências visuais e auditivas. Contudo, o trabalho com alunos surdocegos baseia-se no princípio de estimular a utilização plena de seu potencial e dos sentidos remanescentes.

A principal questão da educação especial a ser analisada nessa perspectiva inclusiva é saber como a criança cega e/ou com outra deficiência inicia o processo de alfabetização, quais as suas condições psicomotoras, afetivas e sociais. Ai se encontra o maior problema do educador da escola regular: não saber como (re) educar essa criança que possui sérias limitações. Precisamos pensar na origem das dificuldades de aprendizagem, e não na deficiência apresentada pela criança. (MOSQUERA, 2010).

De acordo com Cader-Nascimento (2007,2003) uma criança normal usa a audição e a visão para direcionar sua ação e que seus comportamentos e movimentos têm conseqüências determinadas e mesmo que objetos e pessoas que não estejam visíveis continuam a existir. A criança com surdocegueira não possui essa compreensão, necessitando que todos esses aspectos lhes sejam ensinado. Se for uma criança com perda auditiva, suas interações com seu meio ocorrerão usando o campo visual-espacial e se for cega usará o campo auditivo-temporal como principal acesso as informações.

Por sua vez, o surdocego necessitará aprender a utilizar os sentidos remanescentes – corporais, gustativos e olfativos - ou de proximidade com os resíduos que possui para o estabelecimento de trocas significativas e necessárias para seu desenvolvimento afetivo no ambiente. Ainda como resultado da privação da visão e audição, sua motivação na exploração do ambiente é proporcionalmente diminuída. Fato que precisa ser redimensionado por meio da intervenção pedagógica direcionada e individualizado. (BRASIL, 2003).

Seu mundo se limita ao que por casualidade esteja ao alcance de sua mão e, sobretudo, a si mesmo. É preciso que sejam encorajadas a desenvolverem seu próprio estilo de aprendizagem, através das estimulações devidamente orientadas em seus sentidos de proximidade e distância. Os sentidos próximos são aqueles que recebem impulsos por meio de assimilação direta e suprem as crianças com informações de seu próprio corpo, estando sensíveis a carícias, abraços, balanços,

entre outros, conhecido como sentido da propriocepção. Nos sentidos de distância, a função principal é suprir a criança com informações do mundo exterior, pois sem ele seu mundo seria limitado à pele e ao tato (GARCIA, 2008).

As limitações ocorridas pelas falta de visão e audição podem ser minimizadas com a introdução do toque. As maiorias dessas pessoas não gostam de serem tocadas e agem de maneira agressiva dando unhas, mordidas, empurrões, etc.. Por isso são mal interpretadas, se criança são confundidas como imperativas ou até mesmo autistas, se adultos como uma pessoa agressiva ou com déficit intelectual, e em ambos os casos são submetidas a medicações controladas muitas vezes sem necessidade. Como o Surdocego poderá ter dificuldades em aprender através da audição e da visão, beneficiara de uma intervenção baseada no desenvolvimento de outros sentidos (CUSHMAN apud Garcia, 1992, p.10)

Mas isso só acontece por não conseguirem identificar a origem e o significado do toque. Pois para muitos deles o toque deve ser introduzido lenta e gradualmente, dessa maneira não se assustarão facilmente e terão mais facilidade de formar relações com o ambiente. Portanto, de inicio deve ser feito um trabalho específico para o uso do toque, a pessoa com surdocegueira deve ter tempo para discriminar entre pessoas e objetos. Poderão ser dadas a ela pistas que servirão na identificação de pessoas e lugares. Uma simples maneira de tocá-lo ou um anel no dedo lhe dirá quem é a pessoa que se aproximou ou um determinado objeto posto em suas mãos lhe antecipara um lugar ou uma ação a seguir. (PROJETO HORIZONTE, 2008)

A habilidade de tolerar e de aprender a partir do contato humano devera ser formada lentamente. Um leve toque no braço pode alertar um surdocego de sua presença e evitar o choque do contato inesperado. É sempre melhor tocar num braço ou ombro levemente do que agarrar inesperadamente na mão de uma pessoa ou tatear seu rosto. (PROJETO HORIZONTE, 2008, p. 55)

Para tanto, um dos fatores mais importantes é a troca de informações entre a família e os profissionais de cunho transdisciplinar partilhando de um mesmo objetivo. Dessa forma família e educador não se sentirão isolados (GARCIA, 2008).

Sabemos que a participação dos pais estabelecendo uma relação de confiança mutua com os filhos surdos contribui para a elevação da autoestima e para que eles não se sintam diferentes, rejeitados ou incapazes ao integrarem em

uma escola e iniciar os primeiros contatos com a leitura e escrita. (FERNANDES, 2007,P112)

O verdadeiro educador dessas pessoas é quem consegue realmente uma interação comunicativa com ela, Van Dijk (apud GRUPO BRASIL, 2008)

É por meio da família que o professor colherá informações importantíssimas para o desenvolvimento da criança, principalmente na fase inicial do contato. Mas, essa troca de informação entre ambos deve acontecer continua e diariamente, pois o trabalho da família é imprescindível para a autonomia do surdocego, visto que passa maior parte do tempo em casa. No entanto a troca deve acontecer em todos os ambientes em que a criança receber estímulos ou conviver. "O educador e a família devem procurar ajudar o surdocego a funcionar o mais independente possível nos ambientes em que se encontra inserido" (GARCIA, 2008, p.57).

Assim sendo, uma criança com Surdocegueira tem muito mais dificuldades para se desenvolver, pois não pode aprender de imediato com as pessoas com quem convive, não entendem o mundo a sua volta e nem se quer sabe que esse mundo existe e que ela faz parte dele.

No entanto, é possível a superação dessas condições em sua vida, desde que receba estimulações e atendimentos educacionais específicos e individualizados, conforme citado anteriormente. Tudo deve ser devidamente planejado, dentro de suas limitações, dando sempre oportunidades e estar atento às manifestações e reações da criança respeitando sua vontade, pois é através da mesma que o professor saberá quando deverá recuar ou prosseguir com determinada atividade (PROJETO HORIZONTE, 2008).

Na ausência de atendimento educacional específico a criança com surdocegueira apresentará dificuldades na formação de conceitos sobre a existência e as funções da linguagem e de suas ações no ambiente. (GRUPO BRASIL, 2006, p.06)

Este é o principal desafio de pais e educadores frente a surdocegueira: instruir, acreditar, interferir, e principalmente amar para conseguir vencer o isolamento dessas pessoas. Elas precisam ser encorajadas a saírem de seu mundo que se resume apenas em seu corpo.

A importância de despertar na criança, por meio de outros canais sensoriais, o desejo de aprender. É, portanto, preciso vencer o isolamento do indivíduo surdocego e só depois de ter sido estabelecido o contato

efetivo e seu isolamento ser reduzido é que a instrução formal se torna possível. (TELFORD & SAWREY apud CADER-NASCIMENTO, 2007, p.38).

Tirá-las de sua condição de comodismo não é tarefa fácil, pois de início rejeitam o toque de pessoas desconhecidas e não aceitam a imposição das atividades específicas a elas. Seu contato inicial deve ser devidamente planejado em prol da conquista de sua confiança. Diante disso, as técnicas criadas e sugeridas por Jan Van Dijk (1968), vem sendo seguidas por muitos estudiosos, profissionais e pessoas diretamente ligadas às pessoas com surdocegueira.

Vale lembrar que o próprio Van Dijk, diz que suas teorias são apenas sugestões e que não existe uma receita pronta, mas que cada caso é um caso e merece ser estudado e analisado na sua individualidade. Suas teorias, no entanto, vêm sendo desenvolvidas em todos os casos de pessoas com surdocegueira, sendo obtidos resultados positivos que vem comprovando sua eficácia.

Seu programa de comunicação compreende seis fases:

- 1) relação de apego e confiança (nutrição),
- 2) fenômeno de ressonância,
- 3) movimento co-ativo,
- 4) objetos de referências,
- 5) imitação e
- 6) gestos naturais.

O objetivo do desenvolvimento dessas fases consiste em viabilizar melhores condições de aprendizagem de um sistema de comunicação pela criança, ampliando suas potencialidades de interação com o ambiente. As fases não são excludentes, nem exclusivas. A criança poderá apresentar várias fases simultaneamente.

É fácil descrever o comportamento das crianças, no entanto, vencer a principal barreira, a comunicação, despertando nelas o interesse pelo ambiente e por outras pessoas é um desafio a ser assumido por todos os envolvidos nesse processo. (VAN DIJK apud CADER-NASCIMENTO, 2007, p.41) .

Autores como Garcia (2008), Cader-nascimento (2007), Grupo Brasil (2000), McInnes & Treffy (1991), Cushman (1992), entre outros apontam para as descrições e exemplos relativos a cada uma das fases, das teorias de Van Dijk, a seguir:

1º fase: Relação de apego e confiança

Esta é a fase que consiste em um vínculo afetivo entre a criança e o adulto. Leva-se em consideração o fato de a criança com surdocegueira recusar ser tocada por pessoas estranhas. Por isso, deve-se conquistar a confiança da criança a deixando confortável e segura, pois é imprescindível que o professor reconheça nessa fase a importância do vínculo afetivo e do desenvolvimento da comunicação não verbal, defendidas por Van Dijk (apud Freemam, 1991), Bove (1993), Silva (1995), Wheeler & Griffin (1997) e Chen et al. (2000).

Com isso, Van Dijk (1984) aconselha limitar o número de pessoas que estimulam a criança, estabelecendo uma rotina de atividades diárias e favorecer estímulos externos consistentes e adequados, evitando superestimulação ou a falta de estimulação. (BRASIL, 2003)

Nesta fase as crianças apresentam comportamentos estereotipados parecidos com os autistas, necessitam de auto-estimulação proprioceptiva e sinestésica, podem ter vida auto-erótica ou apática, ainda não possui uma consciência de pessoas e objetos, não conseguem antecipar as ações, rejeitam alimentos sólidos, bem como próteses auditivas e visuais. (GARCIA, 2008)

Toda comunicação inicial é realizada a partir das ações emocionais da criança que são interpretadas pelos adultos significativos na vida dela. É muito importante que nessa fase a criança seja bem estimulada, pois esta é a base para a introdução das demais etapas.

2° fase: Ressonância

É estabelecido um vínculo corporal entre adulto e criança, onde a iniciativa parte da criança e na introdução das modalidades de comunicação baseadas no movimento, isto é, a ação corporal permite estabelecer um diálogo por meio do movimento, por onde o adulto introduzirá sinais indicativos marcando o início e o término do movimento, ampliando-o e sistematizando-o.

É importante estar atento as indicações fornecidas pela criança em relação à aceitação ou rejeição do movimento. É necessário que haja uma antecipação para que a criança imagine por si só a ação a seguir. Para isso o uso da rotina cria na criança uma segurança por saber o que virá a seguir. A rotina é construída, tendo

todos os dias às mesmas atividades na mesma ordem, local e hora, facilitando para a criança o evento subsequente, sempre usando o corpo. (DROUET, 2000).

Van Dijk (apud BRASIL, 1991, p 18), cita três razões fundamentais para promover a participação da criança nessa fase:

1. Conseguir sua atenção e participação nas interações com os outros;
2. Desenvolver a compreensão da criança de como suas ações interferem no meio ambiente;
3. Estimular a formação de relações positivas com os outros.

3° fase: Movimento co-ativo

Esta fase dá seguimento à ressonância, aonde aos poucos o estimulador vai se distanciando fisicamente da criança, com o objetivo de despertar nela o interesse pelo meio e possibilitar o desenvolvimento da habilidade de antecipação dos acontecimentos, provendo nela condições de entender que as atividades têm início, meio, fim. (BRASIL, 2004).

Por isso a importância de se introduzir a noção de tempo para cada atividade, estipulando início, meio e fim. Na medida em que desenvolve sua compreensão dos fatos, o aluno perceberá que suas ações interferem no ambiente. Essas ações proporcionarão a ele uma melhor resposta sobre esse ambiente, para com o adulto, bem como para com as ações a seguir.

4° fase: Objetos de referência

Nesta fase começam as estimulações para o reconhecimento do próprio corpo, trabalhando cada parte do corpo separadamente até que passe a reconhecê-los e manter uma melhor comunicação com o interlocutor. Feito isso, o educador introduzirá alguns objetos que simbolizarão para a criança uma pessoa, algo ou uma ação que virá a seguir, servindo como meio de antecipação das ações, para que saiba o que acontecerá em seguida sem que se assuste.

Os objetos de referência são importantes principalmente quando existe um tempo de espera entre o momento da tomada de conhecimento do que vai acontecer e o tempo que a atividade demora para começar. Por exemplo, quando está na hora do café da manhã, a criança aguarda a refeição com algum objeto de referência em mãos. Situações desse tipo influenciam

favoravelmente o comportamento da criança, reduzindo alguns problemas, uma vez que ela, podendo antecipar o que vai acontecer, torna-se mais confiante e não necessita recorrer a comportamentos não aceitos socialmente.(NASCIMENTO, 2006, p.24).

Esses objetos não precisam necessariamente ser limitados aos sentidos do tato, pois podem ser usados objetos com cheiro estimulando o olfato que também terá uma representação significativa, assim como usar fotos com aqueles com visão suficiente. Em todos esses casos os objetos de referencias são essenciais na construção das primeiras experiências do aluno surdocego e devem ser introduzidos diariamente, pois é o inicio de sua comunicação.

5° fase: Imitação

Nesta fase a criança imita a ação do educador mesmo que ele não esteja presente, por isso é estimulada a tomar suas decisões e realizar as atividades sozinha. As tarefas partem de ações mais simples indo para as mais avançadas considerando a singularidade de cada criança.

6° fase: Gestos Naturais

Esta é a ultima fase descrita por Van Dijk (1968). Nela introduzem-se os gestos para representar e distanciar cada objeto com o objetivo de promover a capacidade de simbolização. Aqui a criança começa a ter controle de próprios movimentos se interagindo com o ambiente. Depois que os gestos estiverem bem estruturados num contexto de rotina diária contínua, poderá ser introduzido a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais),

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao considerar as dificuldades apresentadas pelas pessoas com surdocegueira é fundamental que aconteça por parte dos profissionais envolvidos e da família, uma dedicação tal, que se estabeleça na vida das pessoas com surdocegueira, maneiras próprias de comunicação na tentativa de superar suas

barreiras emocionais e cognitivas, para que possam obter os mesmos ou ainda um maior resultado dentro de sua individualidade. Para tanto, é necessário doses diárias de paciência, amor e dedicação, associada a competência técnica e habilidade de

Utilizar o corpo para estabelecer uma comunicação, pois a repetição das atividades será fundamental para seu aprendizado, inclusão social e autonomia. Para conseguir um desenvolvimento satisfatório, é necessário que a parte sensorial atinja o máximo, e a inteligência desabroche até o limite pessoal de cada um; assim a indicação proposta busca potencializar a ideia de que há diferentes caminhos para se chegar ao conhecimento, e cabe aos profissionais e pais envolvidos possibilitar que eles sejam trilhados pelos alunos. Para tanto, sabe-se que alguns levam mais tempo e outros vivem sensações e experiências únicas, mas todos devem ter a oportunidade de realizar essa trajetória, que vem sendo trilhada pelos demais educando que são considerados “normais”.

Considero que o papel da educação é atender de forma igualitária e qualitativa, todos que busca esse recurso como forma de transformar sua realidade. Porquanto relato que o processo inclusivo vem sempre unido à diversidade, logo se faz necessário um sistema educativo diferenciado e que responda de forma concreta aos seus objetivos, para garantir uma formação básica para todos, priorizando a cada um, independente de suas limitações ou possibilidades. Mesmo que essa clientela seja uma pequena parcela da população, são pessoas iguais a qualquer outra e devem ser tratada com igualdade de direitos e deveres em todos os aspectos, seja educativo, econômico, político e sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, MEC. SEESP. **Saberes e Práticas da Inclusão: Dificuldades de Comunicação e Sinalização** – Surdocegueira/múltipla deficiência sensorial. Brasília, 2004.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DA EDUCAÇÃO ESPECIAL. **Saberes e Práticas da Inclusão**. Vol. 06, Brasília, 2003.

- CADER-NASCIMENTO, Fátima A. A. A; COSTA, M. P. R. **Descobrendo a Surdocegueira, educação e comunicação.** São Carlos: editora UFSCAR, 2007.
- DAMÁZIO, M,F,M. **Atendimento Educacional Especializado Pessoa com Surdez.**SEEP/SEED/MEC.Brasília/DF-2007.
- DROUET,R,C,R .**Distúrbios da Aprendizagem.** ABDR, ÁTICA S.A. São Paulo, 2000.
- FERNANDES, S. **Educação de Surdos.** IBPEX.Curitiba,2007.
- GARCIA, Alex. **Surdocegueira Empírica e Científica.** Rio Grande do Sul: editora Pessoa Física, 2008.
- GRUPO BRASIL DE APOIO AO SURDOCEGO E AO MULTIPLO DEFICIENTE SENSORIAL, panfleto de divulgação: **Surdocego Pré-Linguístico,** São Paulo, 2005.
- MAIA, Shirley Rodrigues. **Apostilas para o Curso Formação de Multiplicadores nas áreas de Surdocegueira e Deficiência Múltipla Sensorial.** São Paulo. 2007.
- MOSQUERA,C,,F,F .**Deficiência Visual na escola inclusiva.**IBPEX.Curitiba,2010.
- NASCIMENTO, Fátima Ali Abdalah Abdel Cader. **Educação infantil; saberes e práticas da inclusão: dificuldades de comunicação e sinalização : surdocegueira/múltipla deficiência sensorial.** [4. ed.] / elaboração prof^a ms. Fátima Ali Abdalah Abdel Cader Nascimento - Universidade Federal de São Carlos – UFSC/SP, prof. Shirley Rodrigues Maia – Associação Educacional para a Múltipla Deficiência - AHIMSA. – Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006.